ESPERANDO O INESPERADO: A GRAMATICALIZAÇÃO DE ADVÉRBIOS EM - MENTE NOS SÉCULOS XVIII E XIX DO PORTUGUÊS

Nathalie Vlcek (UFRJ)

Mário Eduardo Martelotta (UFRJ / CNPq)

1- Introdução

Este trabalho pretende analisar as tendências de ordenação de advérbios qualitativos em *-mente* em textos portugueses dos séculos XVIII e XIX e está inserido em uma ampla pesquisa que investiga a mudança na tendência desses itens da anteposição latina à posposição do português atual (Martelotta: 2004; Martelotta e Vlcek: 2006; Martelotta, Processy e Santos: 2008). A diferença de ordenação, um dos aspectos que apontam para a importância da teoria da gramaticalização (Traugott e Dasher: 2005; Heine e Kuteva: 2007) na elaboração da pesquisa proposta, relaciona-se também à existência de usos diferentes dos itens em estudo, que vão assumindo progressivamente valores gramaticais em função da atuação de processos cognitivos no ato da comunicação.

A teoria da gramaticalização, por ser útil na análise da regularidade na mudança linguística, fornece ao linguista uma oportunidade de ir ao encontro do inesperado. Heráclito, audacioso pensador originário¹ afirma, em pleno século VI a.C.: *Se não esperar, não encontrará o inesperado, sendo não encontrável e inacessível*. E esperar o inesperado é justamente o que pretendemos aqui: fazer ciência com o que muda sempre, a linguagem, buscando a regularidade subjacente a essa mudança.

Os *corpora* utilizados para análise estão disponíveis em versão eletrônica pelo grupo Para uma História do Português Brasileiro (PHPB-RJ) em seu site – ainda em construção – e no site do *Estação da Luz*. Entre textos de outros períodos de tempo, esse *corpus* é composto de produções dos séculos XVIII e XIX, sendo este último dividido em três diferentes momentos cronológicos: *1ª Fase* (textos de 1808 a 1840), *2ª Fase* (textos de 1841 a 1870), e *3ª Fase* (1871 a 1900). O objetivo desta divisão é demonstrar que, no século XIX, ocorre de modo mais sensível o apagamento das ocorrências pré-verbais dos advérbios analisados.

O *corpus* utilizado para a análise do português do século XVIII conta com documentos oficiais, cartas oficiais e pessoais, cartas da administração pública, de comércio e de militares. Os textos foram escritos entre 1721 e 1800 em diversas regiões do país, como Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Maranhão e Paraná. Foram utilizadas também duas representações oficiais do Rio de Janeiro do site *Estação da Luz*.

O *corpus* utilizado para análise do português do século XIX é um pouco mais vasto em função do fato de que, por hipótese, esse foi o período em que a mudança se efetivou. É composto de cartas pessoais (da família Loureiro, da família Ottoni, de Rui Barbosa e a Washinton Luiz) e oficiais (de publicações a pedido, documentos oficiais e textos de jornais, incluindo a sessão de cartas de leitores e redatores). Os textos foram escritos em diversas regiões do Brasil, como Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Santa Catarina.

2- Pressupostos teóricos

Para analisarmos a língua portuguesa do ponto de vista de seus mecanismos funcionais, baseamo-nos na teoria da gramaticalização. A teoria da gramaticalização, por ser útil na análise da regularidade na mudança linguística, fornece ao linguista uma oportunidade de ir

¹ Nome utilizado para referir-se aos filósofos pré-socráticos. Tradução do termo para o português por Carneiro Leão.

ao encontro do inesperado, no sentido de que é capaz de apontar regularidade no aparente caos da variação e da mudança no uso lingüístico. É, portanto, uma teoria cara a este trabalho, pois nos permitiria averiguar em que consistiriam exatamente esses movimentos de variação e esta mudança.

2.1- A corrente fenomenológica ou a ruptura com a tradição racionalista

Desde o mais remoto instante da filosofia ocidental, inaugura-se uma das maiores dicotomias do nosso pensamento: tudo muda e a essência é uma aparência, como afirmava Heráclito; ou a mudança é aparente e “o que é é, o que não é não é”, como afirmava Parmênides.

Realmente, parece no mínimo estranho discordar de Parmênides. Como podemos afirmar que “o não ser é” sem parecermos loucos? Para entender isso, precisamos rever um pouco da filosofia de Heráclito. Segundo inúmeras fontes, o nome do livro de Heráclito teria sido *Acerca da natureza* (como muitas obras do período). Nas palavras de Costa (2002), “a exemplo de todas as obras homônimas, também a sua se perdeu através do tempo, não resistindo à derrocada das civilizações antigas e ao conseqüente desaparecimento de suas bibliotecas”. Infelizmente, o que temos de sua obra atualmente são fragmentos conservados por doxógrafos; críticas e testemunhos. Segundo o filósofo, apenas os acordados (cientistas) compreendem a morte (a mudança), os dormentes (que compartilham da *doxa*) só chegam a uma impressão do que esta seria. Destaca-se que estar acordado para Heráclito significa ser capaz de ouvir o *logos* (discurso), assim como falar e agir conforme o *logos*. Não se entra duas vezes no mesmo rio, porque você não é mais o mesmo, nem o rio. Ambos morreram como eram e agora são outros. Mas apenas ter conhecimento da mudança não basta. É preciso esperar por ela, caso contrário, sua compreensão é inacessível. Isto fica mais claro nos fragmentos em que a morte aparece como nomeação das transformações de tudo (*devenir*). Tomemos como exemplo a criação musical, que é morte porque somente após o fim de todas as notas é que se tem uma noção da música como um todo; mas só é possível ouvi-la como música se compreendermos que, a cada instante, uma nova nota irá surgir. A morte é, portanto, a obra no momento em que esta se revela. Uma língua é morte porque já está mudando; e só é possível compreendê-la se olharmos atentos por essas mudanças. A filosofia heraclítica propõe, portanto, enxergar que tudo muda, assim como propõe deixar essa revelação disponível. A mudança é uma forma de permanecer (através da revelação) e de ir embora (através do rompimento).

Durante séculos, a filosofia defendeu ser absurdo afirmar que “o não ser é” e assim, como diz Nietzsche, o surgimento da filosofia (desde Sócrates) representou o predomínio do “espírito apolíneo” (deus da racionalidade) em detrimento do “espírito dionisíaco” (deus do excesso).

A filosofia do século XIX se movimenta, pela primeira vez em séculos, para criticar o racionalismo (cujos maiores representantes seriam Descartes e Kant) e buscar novas alternativas de pensamento, menos *aprisionantes*. Assim surgiu o idealismo alemão, assim defendeu Schopenhauer e para isso lutou com palavras Nietzsche. Não é em vão que este, bem como muitos “filhos” da fenomenologia, referia-se a Heráclito como a atitude filosófica esquecida, mas que deveria ser resgatada.

A filosofia contemporânea é, em grande parte, resultado desta ruptura nascida no século XIX. Tanto para os racionalistas como para os empiristas, começa a parecer impossível a tarefa de explicar a relação entre a consciência autônoma em si mesma e o real. Para fazer a ponte, a filosofia abre os olhos para analisar a linguagem. Surgem teorias como a filosofia analítica da linguagem (Fregue), a semiótica (Pierce), o positivismo lógico (círculo de Viena),

o estruturalismo (Saussure), a antropologia lingüística (Sapir e Whorf) e a teoria lingüística de Chomsky.

A lingüística estrutural de Saussure, da famosa dicotomia entre *langue* e *parole*, pretendia estudar a *langue* somente, e assim apenas descrevia a estrutura gramatical das línguas, vendo-as como organismo autônomo cujas partes são definidas umas em relação às outras. A lingüística gerativa de Chomsky, ao ver a língua como reflexo de um modelo formal a ser analisado, representa um avanço em relação à simples descrição, mas continua a propor que a língua deva ser dividida em *competência* e *desempenho*, e que apenas a primeira seria seu objeto de estudo. Parece que nem o empirismo estruturalista nem o racionalismo gerativista conseguiram inverter a grande questão filosófica proposta já na antiguidade, por Heráclito, e retomada por Nietzsche: é preciso olhar para a mudança, e não para o que permanece o mesmo. A postura de “esperar o inesperado” seria, portanto, olhar com atenção científica para a *parole* e para o *desempenho*, ao invés de ignorá-los.

A lingüística funcional, por sua vez, vê a estrutura gramatical das línguas como um reflexo do ato da comunicação como um todo. A gramática funcional não descarta a situação da comunicação, os participantes e as suas intenções comunicativas. Embora assim como Chomsky e Saussure, a lingüística funcional divida a língua em *gramática* e *discurso*, considera as regularidades daquela como provenientes do próprio uso da língua e de pressões cognitivas.

A vertente funcionalista da lingüística vê a língua pelo seu caráter dinâmico, prevendo, portanto, a mudança. Mas não apenas observa a mudança, como também procura nela padrões de regularidade. A gramática influencia o discurso e o discurso influencia a gramática. Como na filosofia de Heráclito, a mudança é uma forma de permanecer (através da revelação) e de ir embora (através do rompimento). Neste sentido, ao buscar detectar a mudança gradual na posição dos advérbios e a detectar seus ganhos semânticos ao longo do processo de gramaticalização, estamos partindo em busca de uma regularidade na mudança; estamos simplesmente *esperando o inesperado*.

2.2- O funcionalismo de Givón

A discussão acerca da regularidade na mudança de ordenação de termos nas cláusulas baseia-se primeiramente na idéia de que existe uma maior restrição distribucional nas cláusulas mais pressuposicionais, além de estas exibirem maior complexidade sintática (Givón: 1979). Existiria, portanto, uma maior liberdade e variedade de elementos significativos nas cláusulas em que a complexidade pressuposicional é baixa. Desta forma, a *cláusula principal, declarativa, afirmativa, ativa* é vista pelo falante (comparada a outros tipos de cláusula) como menos difícil para o ouvinte determinar as referências. Givón afirma também que as variantes mais pressuposicionais exibem maior complexidade sintática, maiores restrições distribucionais e tendem a exibir um maior conservadorismo sintático (mais comumente na área da mudança de ordenação).

Como, porém, são poucos os advérbios qualitativos encontrados, pouquíssimos foram os dados encontrados em cláusulas negativas, passivas ou imperativas. Assim, só pudemos levar em consideração a variável que leva em conta o grau de dependência sintática entre as orações em que os advérbios apareceram com frequência: a oposição cláusula +gramaticalizada vs. -gramaticalizada.

2.3- A gramaticalização entre cláusulas segundo Hopper e Traugott

De acordo com Hopper e Traugott (2003), podemos inferir uma trajetória de gramaticalização em direção a estruturas mais encaixadas (parataxe > hipotaxe > subordinação),

sendo a subordinada mais gramatical que a hipotaxe e esta mais gramatical que a parataxe. Podemos pensar, então, em um nível de encaixamento entre as cláusulas, a *parataxe* ou independência relativa, não é nem dependente nem encaixada (engloba os casos tradicionalmente chamados de justaposição e coordenação); a *hipotaxe* ou interdependência é a situação em que cláusulas são dependentes, mas não são encaixadas (casos tradicionalmente conhecidos como subordinação adverbial e as adjetivas explicativas); a *subordinação* ou encaixamento é a situação em que há dependência e encaixamento entre cláusulas (que englobam casos tradicionalmente conhecidos como subordinadas substantivas e as adjetivas restritivas).

As cláusulas menos gramaticalizadas seriam mais suscetíveis à mudança do que as mais gramaticalizadas, que seriam mais encaixadas e, portanto, mais cristalizadas. Para melhor compreensão dessa noção, observemos o exemplo 1, em que é possível fazer inversões com os termos da oração principal (mesmo que um desses termos seja a subordinada inteira), mas seria agramatical inverter os termos da oração subordinada:

(1) Ele gosta **de jogar futebol**.

De jogar futebol ele gosta.

* Ele gosta **de futebol jogar**.

Assumindo que exista uma trajetória de gramaticalização em direção a estruturas mais encaixadas, sendo a subordinada mais gramaticalizada que a hipotaxe e esta mais gramaticalizada que a parataxe, podemos basear nossa análise da ordenação dos advérbios qualitativos em *-mente* na hipótese de que ordenação mais antiga tende permanecer por mais tempo nas cláusulas mais gramaticalizadas.

Por outro lado, a discussão a respeito da variação semântica desses itens que, neste trabalho, acompanha a discussão da mudança na ordenação, veio à tona quando Traugott (1995), a partir da análise do desenvolvimento de marcadores discursivos, aponta a existência de uma interação entre sintaxe, pragmática e semântica. Esses itens sofreriam, segundo a autora, um processo de gramaticalização (processo pelo qual um item lexical, em alguns contextos pragmáticos e morfossintáticos específicos, se tornariam gramaticais, ou seja, pelo qual um item lexical em algumas funções sintáticas específicas começa a participar da estrutura morfossintática das construções da língua).

Embora Heine e Reh (apud Traugott: 1995) tenham afirmado que a gramaticalização é uma evolução através da qual unidades lingüísticas perdem complexidade semântica, significado pragmático, autonomia sintática e material fonético, se seguissemos esse modelo em que impera a noção de perda de significado pragmático, todo material lingüístico se reduziria, em última instância, a zero. Segundo Traugott (1995), Traugott e König (1991), Hopper e Traugott (2003) e Traugott e Dasher (2005), não ocorre um enfraquecimento semântico do item, mas sim uma pressão para o surgimento de novos sentidos, que se daria nos estágios mais avançados da gramaticalização.

Além disso, os significados tendem a avançar rumo a uma maior subjetividade, a se associar com a atitude do falante, especialmente com a atitude metalingüística do fluxo do discurso (Traugott: 1995). É o que ocorre, por exemplo, com determinados advérbios qualitativos em *-mente*, que desenvolvem valores conjuntivo (ex.: conseqüentemente), modalizador (ex.: certamente), de atitude proposicional (ex.: felizmente) e de atitude pragmática (ex.: francamente), entre outros.

3- Metodologia: as variáveis utilizadas

As ocorrências dos advérbios estudados serão analisadas tanto pela posição que ocupam na cláusula, como pelo grau de gramaticalização da cláusula em que aparecem.

3.1- As Posições observadas

Em relação ao verbo que possuem como alvo, a distribuição dos advérbios estudados pode ser em três diferentes posições:

3.1.1 - Posições pré-verbais

a) Advérbio + Verbo (AV)

(2) Dezejarei queV ossam ercê esteja mais convalecido, equetenha todas / Aquellaz [espaço] felicidades, queeu muito **verdad eira mente lhedezejo**.²

b) Advérbio + X³ + Verbo (AXV)

(3) (...) o | dito rapaz Em Seupoder, ao qual dá oSuplicante proptissimaExecução como | tem obidiente Sudito deVossa Excelencia, em cuja prezença poem ao mesmo tempo | om[deteriorado o tam illicito, e impraticavel comque **fortiva eviolentamente foi tirado** | da Aldea, edaCazadoSuplicante odito rapaz (...).⁴

3.1.2 - Posições pós-verbais

a) Verbo + Advérbio (VA):

(4) Rogando-lhe me **recomenda** | **merecidamente** a Dona Maria | Augusta, aqui fica ao seu dis- | por o amigo e admirador.⁵

b) Verbo + X + Advérbio (VXA)

(5) Estimarei queDeos **Guarde aVossaMerce felismente** por muitos annos. Registro deCuritiba 12 deOutubro 15 de 1794 [espaço] [espaço] Devossamerce Amigo eaffetuooso Criado.⁶

3.1.3- Posição do advérbio em locuções verbais

a) Verbo + Advérbio + Verbo (VAV)

(6) Os factos repetidos de reclamações , (...), | viriam **eloquentemente** demonstrar, que nem | o augmento calculado em 1879, nem o (...), saptisfariam | a estas unicas necessidades , com a indis- | pensavel abastança.⁷

3.2- O grau de gramaticalização da cláusula

As cláusulas serão analisadas segundo seu nível de encaixamento sintático, visto que isto interfere significativamente na propensão ou não à mudança. Pensamos em um nível de encaixamento entre as cláusulas: a *parataxe* ou independência relativa, não é nem dependente nem encaixada (engloba os casos tradicionalmente chamados de justaposição e coordenação); a *hipotaxe* ou interdependência é a situação em que cláusulas são dependentes, mas não são

² PHPB- RJ, séc. XVIII, documentos particulares, n°5

³ X é qualquer elemento lingüístico que ocorra entre o advérbio e o verbo, como um elemento de natureza argumental ou outro advérbio.

⁴ PHPB-RJ, séc. XVIII, aldeamento de índios

⁵ PHPB-RJ, séc. XIX, Cartas a Rui Barbosa, carta 75(2)

⁶ PHPB-RJ, séc. XVIII, Cartas comum II-35,25,32

⁷ PHPB-RJ, séc. XIX, Cartas a Rui Barbosa, carta 27(1)

encaixadas (casos tradicionalmente conhecidos como subordinação adverbial e as adjetivas explicativas); a *subordinação* ou encaixamento é a situação em que há dependência e encaixamento entre cláusulas (que englobam casos tradicionalmente conhecidos como subordinadas substantivas e as adjetivas restritivas).

4- Análise de dados

Passamos agora à análise dos dados referente aos dois séculos observados, que foram levantados nos *corpora*.

4.1- Século XVIII

A tabela abaixo demonstra a distribuição dos qualitativos em *-mente* nos textos do século XVIII:

	-gramatical.	+Gramatical.								Total
		Hipotaxe		Hipot. Rel.		Subordinação		Subord. Rel		
		R	NR	R	NR	R	NR	R	NR	
VA	6	4			2	4	4		1	21
AV	6	1	5		14	2			3	31
VXA			1	2	3	5	3			14
AXV		1			3					4
(V)AV	1		1							2
										72

Inicialmente, precisamos registrar novamente a pequena quantidade de dados obtidos para a análise do século XVIII, que já era esperada em função da baixa frequência desses advérbios em qualquer tipo de texto⁸.

Entretanto, foi possível detectar algumas tendências, como, por exemplo, a relativa equivalência de ocorrências pré-verbais (51% do total de 72 advérbios qualitativos) e pós-verbais (49% deste mesmo total). Este equilíbrio aponta para o fato de o século XVIII ser um século de certo “equilíbrio” de forças na mudança da tendência analisada, que não mais se configura com predominância de ocorrências pré-verbais (como no latim e nos estágios anteriores de nossa língua) nem tampouco com predominância quase total de pós-verbais (que começa a se configurar no século XIX e se consagra no português de hoje).

Das 37 ocorrências pré-verbais, apenas 7 (18%) ocorreram em cláusulas menos gramaticalizadas (justapostas, principais ou coordenadas); distribuindo-se as demais pelas cláusulas com maior grau de gramaticalização (hipotáticas e subordinadas). Este resultado aponta para a confirmação da hipótese de que a ordenação mais antiga aparece com mais frequência nas cláusulas mais gramaticalizadas.

Outro dado interessante é a grande quantidade de ordenações VXA e AXV (com algum elemento colocando-se entre o verbo e o advérbio): 18 ocorrências ou 25% do total de 72 ocorrências desses advérbios no século XVIII. Este resultado contrasta com o que encontramos no século XIX: nenhuma ocorrência de VXA ou AXV. Isso aponta para uma mudança na direção da tendência do português atual, em que os qualitativos se colocam quase categoricamente ao lado do verbo (normalmente após esse elemento).

⁸ A pouca quantidade de dados impede, em princípio, que cheguemos a conclusões mais definitiva. Mas se juntarmos esses resultados com os de outros como os de Moraes Pinto (2008), também sobre advérbios em *-mente*, de Benedito (2008), acerca dos usos de *mal* e de Portela (2008), sobre *bem* e *mal*, teremos uma quantidade bem maior de dados apontando para as mesmas tendências.

Cabe aqui mencionar as ocorrências de locuções verbais, assinalas na tabela pela posição (V)AV, que apresentam níveis ainda mais altos de gramaticalização.

(7) Eufis *felismente* aminha Viagem e como medei bem nella ja / **estou anciozamente suspirando** pela a tornar arepetir paraese / Continente; (...) ⁹

Neste caso, o advérbio se colocou no meio da locução, sendo considerado uma posição pré-verbal, pois está anteposto ao seu escopo, o verbo principal.

4.1.1. Variação semântica acompanha a mudança de ordenação...

Podemos notar também que, além de ocorrer uma mudança na tendência de ordenação dos advérbios analisados, alguns deles também apresentam uma variação semântica.

(8) Eufis **felismente** aminha Viagem e como medei bem nella ja / estou **anciozamente** suspirando pela a tornar arepetir paraese / Continente; (...) ¹⁰

(9) **Felizmente**, o incidente foi resolvido da melhor forma (...) ¹¹

Em função de outras ocorrências semelhantes encontradas nos *corpora*, assumimos que o advérbio *felismente* apresenta, no exemplo 8, valor qualitativo, indicando o modo como se deu ação do verbo que modifica (fazer de modo feliz). Esse uso não existe atualmente, visto que hoje o advérbio *felizmente* tem como escopo toda a cláusula e seu sentido aponta para uma indicação da atitude proposicional do falante e não da descrição de um mundo objetivo (exemplo 9).

Traugott e Dasher (2005) apontam para o fato de que a mudança semântica, por hipótese unidirecional, não implica necessariamente a troca de um item pelo outro, mas um acréscimo de sentidos desenvolvido com o tempo.

4.2- Século XIX

O século XIX, como já apontamos, é mais abundante em ocorrências de qualitativos. Foi adotada, neste trabalho, uma divisão dos textos deste século em fases, a fim de mostrar que a mudança na tendência de ordenação dos advérbios se concretiza ao longo deste século. Foi feito, como no século XVIII, um levantamento observando a influência ou não da presença do um elemento pré-verbal na tendência de ordenação dos advérbios da posição pré-verbal para a posição pós-verbal.

4.2.1- A divisão em fases

Trabalhando com a hipótese de que o século XIX foi o século em que se concretizou a mudança da ordenação dos advérbios qualitativos em *-mente*, que transmutaram da posição pré-verbal típica do latim para a posição pós-verbal típica do português atual. Dessa forma, dividimos o século em três fases seguindo a divisão apresentada pelo PHPB-RJ e demos procedimento à análise dos dados.

⁹ PHBP, Documentos Particulares.

¹⁰ Documentos da Administração Privada

¹¹ Ciência Hoje online, 2007

4.2.1.1- 1ª fase do séc. XIX (1808 - 1840)

A tabela abaixo demonstra a distribuição dos qualitativos em *-mente* em textos da primeira fase do século XIX:

	-gramatical.	+Gramatical.								Total
		Hipotaxe		Hipot. Rel.		Subordinação		Subord. Rel		
		R	NR	R	NR	R	NR	R	NR	
VA	5	2	6		2	5	2		5	30
AV	1	5	6		5		2		3	22

Com estes dados, novamente podemos notar uma quantidade reduzida de ocorrências e a tendência a um certo equilíbrio na distribuição dos advérbios pelas posições pré e pós-verbais (56% de ocorrências pós-verbais e 44% de ocorrências pré-verbais) em 52 ocorrências.

Podemos notar também que não há ocorrências de posição VXA e AXV, como ocorreu no século XVIII, o que sugere já um movimento em direção à tendência para a colocação ao lado do verbo, que se consolida a partir do século XX.

É importante destacar que das 22 ocorrências de AV, apenas uma (4,5%) do total ocorrem em cláusula menos gramaticalizada:

(10) Quanto à censura, que nos faz a respeito | do que dissemos sobre os Eleitores nós **cordialmente** lhe | agradecemos por isso que não foi da nossa intenção chocar | o melindre de alguém...¹²

Martelotta (2004) nos chama a atenção de que, no português arcaico, a ocorrência de pré-verbais em cláusula menos gramaticalizada já era incomum. Podemos, portanto, acentuar a existência de, apesar de única, uma ocorrência AV ainda no século XIX em cláusula menos gramaticalizada.

4.2.1.2- 2ª fase do séc. XIX (1841 - 1870)

A tabela abaixo demonstra a distribuição dos qualitativos em *-mente* em textos da segunda fase do século XIX:

	-gramatical.	+Gramatical.								Total
		Hipotaxe		Hipot. Rel.		Subordinação		Subord. Rel		
		R	NR	R	NR	R	NR	R	NR	
VA	16	4	8		1	7	5		4	45
AV	2		6	2	5	1	4		8	28

Nesta tabela, diferentemente do que ocorreu nas anteriores, podemos observar uma predominância mais significativa de ocorrências pós-verbais (61% do total de 73 ocorrências) em relação às ocorrências pré-verbais (apenas 39% deste mesmo total).

Esses dados sugerem que já na segunda fase do século XIX se dá uma considerável diminuição de posições pré-verbais, que ficam praticamente restritas a cláusulas mais gramaticalizadas (somente 7,1 % das 28 ocorrências pré-verbais ocorreram em cláusula menos gramaticalizadas); o que nos permitiria entrever que neste período a ordenação dos advérbios em português começa a se delinear dentro da atual tendência.

¹² PBPB-RJ, Cartas de Redatores, nº8 (1ª fase)

Podemos ver também que, assim como na primeira fase do século XIX, não há ocorrências de posição VXA e AXV, assim como ocorreu no século XVIII, o que reforça a hipótese de um movimento em direção à tendência à posição de ocorrer ao lado do verbo, que se consolida a partir do século XX.

4.2.1.3- 3ª fase do séc. XIX (1871 - 1900)

A tabela abaixo demonstra a distribuição dos qualitativos em *-mente* em textos da terceira fase do século XIX:

	-gramatical.	+Gramatical.								Total
		Hipotaxe		Hipot. Rel.		Subordinação		Subord. Rel		
		R	NR	R	NR	R	NR	R	NR	
VA	20	3	4	1	4	5	8		4	49
AV	1					2		1	3	7

Nesta tabela registra-se um predomínio praticamente absoluto das ocorrências pós-verbais em relação a ocorrências pré-verbais. Foram encontrados 49 casos pós-verbais num universo de 56 ocorrências, o que nos garantiria a porcentagem de 87%! Repare-se que apenas 1 entre 8 das poucas ocorrências pré-verbais se deu em cláusula menos gramatical.

Destacamos também que, assim como nas demais fases do século XIX, não há ocorrências de posição VXA, o que aponta, mais uma vez, para a hipótese de uma tendência casa vez maior do advérbio se dar ao lado do verbo.

4.2.2- A influência da formalidade

Detectamos também em Martelotta e Vlcek (2006) esse mesmo resultado ao analisarmos cartas de leitores e de redatores de jornais do século XIX. Encontramos, na primeira fase, mais ocorrências de posições pré-verbais do que nas demais fases, tanto em leitores quanto em redatores. Além disso, as cartas de leitores somente apresentaram ocorrências pré-verbais na primeira fase do século XIX, o que pode ser um indício de como se deu, nesse século, a mudança nas tendências de ordenação em direção ao uso praticamente categórico da pós-posição característica do português atual.

Também em Martelotta e Vlcek (2006) identificamos que textos mais formais tendem a utilizar ordenações mais antigas, pois encontramos mais anteposições dos advérbios em estudo nas cartas de redatores, escritas por pessoas que trabalham nesses jornais e reproduzem o ideal de escrita por eles veiculados. As ocorrências pré-verbais exclusivamente nas cartas de redatores na 2ª e na 3ª fases foram vistas, portanto, como um uso conservador e de caráter formal.

5- Conclusão

Podemos inferir que o século XVIII é marcado por um certo equilíbrio de ocorrências pré e pós-verbais. Podemos dizer também que, na primeira fase do século XIX, há mais ocorrências de posições pré-verbais do que nas demais frases e que, na terceira fase do mesmo século, há uma predominância excessiva de ocorrências pós-verbais. Isso aponta para uma mudança na ordenação para as posições pós-verbais (características do português atual) ao longo do século XIX, já detectada em Martelotta e Vlcek (2006). É válido afirmar também que um maior grau de formalidade do texto analisado pode interferir na ordenação de modo a evitar a ordenação mais inovadora.

Descobrimos também que nas três fases do século XIX, diferentemente do século XVIII, não há ocorrências de posição VXA, o que reforça a hipótese de um movimento em direção à tendência à posição de ocorrer ao lado do verbo, que se consolida a partir do século XX.

Podemos inferir também que os significados dos advérbios tendem a avançar rumo a uma maior subjetividade, a se associar com a atitude do falante, apontando para a existência de uma trajetória unidirecional *advérbio interno à cláusula > advérbio sentencial*.

A pesquisa ainda está em andamento, mas já é possível delinear importantes questões da lingüística histórica do português brasileiro. Podemos, sobretudo, ressaltar que há uma mudança gradual de ordenação dos qualitativos em *-mente* desde o português arcaico até os dias de hoje, que se inicia nas cláusulas menos gramaticalizadas, que tendem a ser mais inovadoras em termos de ordenação vocabular; e que acompanhando essa mudança de ordenação, há ainda um processo de polissemia.

VI - Bibliografia

ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. *Os Pensadores Originários/* tra. Emmanuel Carneiro Leão – Petrópolis: Vozes, 1991.

BARBOSA, Afrânio, LOPES, Célia Regina & CALLOU, Diah. *Corpus para uma história do português do Brasil - RJ*. Rio de Janeiro, UFRJ (versão eletrônica – www.phpb.ufrj.br)

BENEDITO, Luciano Sebastião. *Polissemia e ordenação do item mal no português escrito: uma análise diacrônica*. 2008, 105 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) UFRJ. Rio de Janeiro.

CEZARIO, Maria Maura, MARTELOTTA, Mário E. & VOTRE, Sebastião Josué Votre. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004

COSTA, Alexandre. *Heráclito: fragmentos contextualizados*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

CUNHA, Maria Angélica F. da, Oliveira, Mariângela R. de e MARTELOTTA, Mário E. *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVÓN, Talmy. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MARCONDES, Danilo. *Iniciacao à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARTELOTTA, Mário E. *Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito: uma abordagem histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ (Relatório final apresentado ao CNPq), 2004.

MARTELOTTA, Mário E. e PROCESSY, Wendel e SANTOS, Monique Nascimento dos. Ordenação de advérbios no latim clássico e no latim medieval. In: *Cadernos de Letras da UFF*. Rio de Janeiro: UFF, 2008 (no prelo).

MARTELOTTA, Mário E. e VLCEK, Nathalie. Advérbios qualitativos em *-mente* em cartas de jornais do século XIX. In: *Lingüística: Revista do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFRJ*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MORAES PINTO, Deise Cristina de. *Gramaticalização e ordenação nos advérbios qualitativos e modalizadores em -mente*. 2008, 145 p. Tese (Doutorado em Lingüística) UFRJ. Rio de Janeiro.

PAGOTTO, Emílio G. Norma e condescendência: ciência e pureza. In: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*. Vol. 2. pp. 49-68, 1998.

PORTELA, Cindy. *Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito nos séculos XVIII e XIX*. Relatório de Bolsa de IC, entregue a CNPq/ PIBIC. Rio de Janeiro: UFRJ (mimeo)

SILVA E SILVA, Edna Inácio. *As tendências de ordenação do advérbio mal: uma abordagem diacrônica*. 2001, 86 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) UFRJ. Rio de Janeiro.

TARALLO, F. (1991/1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: I. Roberts e M. Kato (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, pp. 69-106.

TRAUGOTT, Elizabeth C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Department of Linguistics, Stanford University. Mimeo. 1995.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs e DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs e KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs e HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization. Focus on theoretical and methodological issues* Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.